

Bancos querem

CREDORES TEMEROSOS COM EFEITO DAS DENÚNCIAS DE PEDRO

ICA

Dívida Externa

Quinta-feira, 28-5-92

acelerar acordo

COLLOR QUEREM FECHAR LOGO UM ACERTO COM O BRASIL

Temeroso que a briga entre os irmãos Collor possa atrapalhar a fase final das negociações entre o Brasil e os bancos internacionais, William R. Rhodes, o executivo do Citicorp que coordena os credores, sugeriu ao ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira, que as conversas sejam aceleradas. Nas circunstâncias atuais, um acordo seria uma boa notícia para o presidente Collor. Até a semana passada, os dois lados continuavam sem se entender sobre a questão que os separa desde o início das negociações, há nove meses: o montante de garantias que o País apresentará.

A pressa de Rhodes e a óbvia necessidade política do governo em produzir um fato positivo rapidamente, podem, de fato, facilitar o entendimento. A previsão do ministro para o acordo é o final de junho. Ele se apressou em dizer aos parlamentares a quem falou ontem, na Comissão de Economia e Finanças da Câmara, que o episódio das denúncias contra o presidente Fernando Collor não altera as relações com outros países e também não afetou a negociação com o comitê dos bancos credores.

O ministro (veja mais ações de Marcílio na página 7) também afirmou que a liberação de US\$ 1 bilhão pelo Japão, como resultado do acordo assinado com o Clube de Paris, é uma demonstração de que os países confiam no programa econômico brasileiro. Segundo Marcílio, há 10 dias o governo apresentou uma nova proposta aos bancos e aguarda para a próxima semana uma resposta dos banqueiros internacionais.

Repercussão

Afora piadas, as denúncias de Pedro Collor não parecem ter causado nenhum estrago mais imediato entre os investidores externos, que voltaram a aplicar no País nos últimos meses. Os papéis da dívida no mercado secundário, que haviam caído na semana passada, continuaram a subir ontem. Não houve variações significativas no valor dos papéis no mercado de eurodólar. E a Aracruz formalizou on-

tem, sem dificuldade, a venda de US\$ 132 milhões em American Depositary Notes, 70% das quais a investidores institucionais americanos. John Purcell, da casa de investimento Salomon Brothers, disse ontem, num seminário sobre inversões no Brasil, realizado do hotel Plaza, em Nova York, que o escândalo "não ajuda", mas o Brasil continua a ser atraente para os investidores.

Os efeitos políticos mais danosos do episódio certamente preocupam as pessoas e instituições que nos últimos meses apostaram na determinação de Collor e Marcílio em normalizar as relações financeiras internacionais e levar adiante o programa de estabilização econômica. Uma dúvida específica é se o líder do executivo, sob investi-

gação de uma comissão parlamentar de inquérito, por suspeita de corrupção, terá condições de vender ao Congresso e ao País a ambiciosa proposta de reforma fiscal. A proposta é a espinha dorsal da busca da estabilidade e do acordo com o Fundo Monetário Internacional.

A curtíssimo prazo, a esperança de pelos menos alguns bancos é que as dificuldades internas de Collor poderão apressar

um acordo, conforme fica claro pelo telefonema de Rhodes a Marcílio.

Fontes financeiras lamentaram, no entanto, que o ministro da Economia tenha sido encarregado de conduzir uma das investigações ordenadas pelo presidente. "Isso significa que terá menos tempo para cuidar da dívida", disse um executivo.

O embaixador francês no Brasil, Jean Bernard Ouvrieu garantiu ao embaixador Marcos Azambuja, coordenador das posições brasileiras para a Rio-92, que a visita do presidente François Mitterrand se dará conforme o programa inicial e que nunca houve intenção de modificar a programação. No início da semana, especulou-se que o presidente Mitterrand pretendia não manter o contato programado com o presidente Fernando Collor, em função da crise gerada pelas denúncias de Pedro Collor.



Rhodes: acerto rápido.



Marcílio: negociações.